

# CONTARDO CALLIGARIS

A vida é o que  
interessa

# CONTARDO CALLIGARIS

A vida é o que  
interessa

Copyright © Contardo Calligaris, 2026  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Wélida Muniz

*Revisão:* Fernanda Guerriero Antunes e Valquíria Matioli

*Projeto gráfico:* Fabio Oliveira

*Diagramação:* Negrito Produção Editorial

*Capa:* Renata Spolidoro

*Foto de capa:* Ana Paula Paiva/Valor/Agência O Globo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Calligaris, Contardo, 1948-2021

A vida é o que interessa / Contardo Calligaris. – São  
Paulo : Planeta do Brasil, 2026.  
208 p.

ISBN 978-85-422-4315-4

1. Psicanálise – Crônicas 2. Filosofia 3. Vida I. Título

26-1723

CDD 150-195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise – Crônicas

Ao escolher este livro, você está apoiando  
o manejo responsável das florestas do  
mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2ª andar – Bela Vista

São Paulo-SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# SUMÁRIO

Apresentação.....	7
PARTE UM: manter viva a possibilidade da razão ...	8
As vidas que deixamos de viver .....	11
Condições básicas de uma amizade.....	15
Amores inacabados .....	19
Culpas e regras.....	23
<i>Depois de maio</i> .....	27
Sonhos de calor humano .....	31
<i>Na estrada</i> .....	35
Teorias conspiratórias (e históricas) .....	39
Procuras de desejos perdidos .....	43
Dois corações e uma cabana.....	47
A saca de sal .....	51
A sabedoria do idoso .....	55
Sem estresse.....	59
<i>Ciao, Eco</i> .....	63
Século 20 .....	67

PARTE DOIS: o prazer de devanear em paz .....72

*Longe da árvore*.....75

O hábito de sorrir .....79

"Paidrastos" (e "mãedrastas") .....83

Epidemia de amor pelas crianças .....87

O fim da infância? ..... 91

As crianças e a morte ..... 95

As crianças e o sexo ..... 99

Crianças protegidas e inseguras .....103

Ovo hoje ou galinha amanhã? .....107

Uma casa para sempre .....111

PARTE TRÊS: menos fantástico do que parece ....116

As coisas, os outros e os escombros .....119

O som, a fúria e as cartas ..... 123

Dia dos Mortos e Dia dos Vivos..... 127

*Ninfomaníaca* ..... 131

Desejos dominantes ..... 135

Sentir ou ficar frio? ..... 139

Faust moderno ..... 143

Atores famosos no palco ..... 147

Mulheres infelizes..... 151

Tratamentos e efeitos colaterais ..... 155

Modiano e a arte da memória ..... 159

Meu vizinho genocida ..... 163

Querer viver e querer morrer ..... 167

*Para sempre Alice* ..... 171

Feitiços do tempo ..... 175

Posfácio..... 179

Obras citadas ..... 195

Para saber mais .....205

## AS VIDAS QUE DEIXAMOS DE VIVER

Quase sempre, quando encontramos alguém que nos encanta, começamos por lhe contar nossa vida e expor nossos projetos – pois é possível que, para um casal, compartilhar planos seja mais importante do que cada um conhecer e entender o passado do outro.

Em suma, a gente se apresenta ao outro como numa entrevista de emprego, dizendo o que fizemos e o que esperamos. Afinal, somos uma mistura da vida vivida com o futuro sonhado, não é?

Acabo de ler o livro de Adam Phillips, psicanalista inglês que é um dos autores que mais me estimulam a pensar, *O que você é e o que você quer ser*. À história passada e aos sonhos, Phillips acrescenta mais um ingrediente que nos define: o conjunto das vidas que deixamos de viver – porque não foi possível, porque alguém nos impediu, porque ficamos com medo, porque escolhemos outro caminho, porque a sorte não quis.

Algumas vidas não vividas são alternativas descartadas pela inércia da nossa história ou porque o desejo da gente é dividido, e escolher implica perder o que não escolhemos. Outras são acasos que não aconteceram (é possível passar pela vida sem encontrar ninguém ou encontrando muitos, mas todos na hora errada).

Também, mais dolorosamente, as vidas não vividas são caminhos pelos quais não ousamos nos enve-

redar (na inscrição para o vestibular, na decisão de voltar de um lugar onde teríamos começado outra vida, nos conformismos de cada dia).

Essas vidas não vividas podem nos enriquecer ou nos empobrecer. Elas nos enriquecem quando integram nossa história como tramas alternativas de um romance, incluídas no rodapé da edição crítica.

Melhor ainda, como tramas alternativas às quais o autor renunciou, mas que ele se esqueceu de apagar inteiramente: o herói não vai mais para a África no capítulo dois, mas eis que, no capítulo sete, aparece um africano que ele conheceu antes, mas que não se entende de onde vem, a não ser que a gente leia aquela parte do dois que foi abandonada.

Aqui, um conselho: é útil frequentar as vidas não vividas de nossos parceiros (para evitar surpresas desnecessárias, como a chegada de personagens que não fazem parte nem do passado nem dos sonhos do outro, mas das vidas às quais ele achava ter renunciado).

Agora, as vidas não vividas podem sobretudo nos empobrecer, levando-nos a viver num eterno lamento por algo que não nos foi dado, que perdemos ou do qual desistimos. Esse, aliás, é o futuro que estamos preparando para nossas crianças.

Uma das razões pelas quais as vidas não vividas condenarão as crianças de hoje à sensação de desperdício é a popularidade do mito do potencial. Alguém não está se tornando tudo o que esperávamos?

Que pena, com o potencial que ele tinha... De onde vem a ideia de que as crianças seriam dotadas de disposições milagrosas e que o maior risco seria o de elas desperdiçarem o que já é seu patrimônio?

O potencial das crianças modernas tem duas propriedades: ele é genérico (ou seja, não é fundado em nenhuma observação específica, é uma espécie de *a priori*: criança tem grande potencial, em tudo) e ele deve dar seus frutos espontaneamente, sem esforço algum da parte da criança.

Nossos rebentos são dotadíssimos para esporte, desenho, criação, música, ciência, estudo, línguas estrangeiras etc. E, se os resultados escolares forem péssimos, as crianças nunca são preguiçosas, elas só estão desperdiçando seu “incrível potencial”. Há uma cumplicidade de todos ao redor dessa ideia.

Os pais querem que as crianças sejam tudo o que eles não conseguiram ser na vida. Pior, eles querem que as crianças cumpram essa missão sem esforços, por milagre (o milagre do “potencial”).

Os professores acham, no potencial, uma maneira maravilhosa de assinalar que fulano é medíocre sem atrapalhar o sonho dos pais da criança, os quais podem seguir pensando que seu filho leva notas infernais, mas vale a pena insistir (e pagar a escola mais cara) porque ele tem um potencial extraordinário.

Quanto aos filhos, acreditar em seu próprio potencial é uma maneira barata para se sentir especial, apesar de resultados pífios. Problema: na hora, ine-

vitável, do fracasso, quem aposta no seu potencial conhece a sensação especialmente dolorosa de ter traído a si mesmo (ou seja, ao seu potencial).

PAIDÓS

## CONDIÇÕES BÁSICAS DE UMA AMIZADE

Quando deixei a França e me estabeleci no Brasil, na segunda metade dos anos 1980, os brasileiros estranhavam e me perguntavam por que diabo eu faria isso. Naqueles anos, o fluxo era oposto ao meu: para muitos, os aeroportos do Galeão e de Guarulhos pareciam ser a única saída.

Para responder, escrevi um livro sobre minha “descoberta” do Brasil. Atualizando esse livro para a reedição, encontrei mais uma pergunta. Não só: “Por que vim me instalar no Brasil em 1989?”, mas também: “Por que insisti e voltei ao Brasil em 2005, após dez anos nos EUA?”.

Os não brasileiros também me perguntaram inúmeras vezes, desde 1989: “Por que o Brasil?”. Uma resposta é que, dos vários países nos quais vivi, o Brasil é aquele onde fiz meus melhores amigos.

Será que a amizade teria mais chances no país do “homem cordial”? A ideia é tentadora, mas cuidado: a “cordialidade” brasileira, da qual falou Sérgio Buarque de Holanda, significa só que os laços afetivos (“cordial” significa “do coração”), na nossa cultura, falam mais alto que as obrigações coletivas, as leis etc. É o famoso: “aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei”. A cordialidade não implica nem explica a amizade.

Sérgio Buarque também notou que os brasileiros seriam avessos aos conflitos, e mais propensos

a encontrar zonas de acordo do que a desacordos e brigas. Será que a primazia dos laços afetivos e a vontade de não brigar fariam os brasileiros serem mais amigos ou melhores amigos? Vamos com calma.

1) Com a polarização política do país e o ódio que circula nas redes sociais, o brasileiro continua “cordial” (ou seja, dominado pelo coração, que é também o órgão com o qual a gente odeia), mas não parece mais avesso ao conflito (ele ataca e insulta com afincado e prazer).

2) “Amigo”, no Brasil, é o jeito (carinhoso?) de chamar o garçom ou outros desconhecidos supostamente “inferiores”. Ou seja, amigo serve para negar uma tremenda desigualdade social: chamamos de amigo quem nunca será amigo da gente.

Pausa. Brasil à parte, o que é a amizade para mim? Quais são as condições básicas para alguém vir a ser meu amigo?

Aristóteles consagra dois capítulos da *Ética a Nicômaco* à amizade. Talvez por ele estar escrevendo um tratado de ética, acha indispensável que os amigos compartilhem uma visão parecida do que é o bem.

Certamente, não conseguiria ser amigo de alguém que tenha critérios morais totalmente opostos aos meus. Meu critério do “totalmente oposto”, aliás, é este: meus amigos podem ter ideias morais

diferentes das minhas, mas não podem dever suas ideias a um grupo, seja qual for. Em matéria de moral, meus amigos e eu devemos ter em comum isto: preferimos errar sozinhos a estarmos certos em grupo. E mais isto: meus amigos e eu cultivamos nossas próprias ideias sem a intenção de transformá-las em breviário universal – na verdade, sem nenhuma vontade de impô-las a outros.

Cícero (um de meus autores preferidos) escreveu um diálogo sobre a amizade – *Saber envelhecer: seguido de A Amizade* – em que descreve o que fazem os amigos: resumindo ao máximo, eles conversam para aprenderem juntos.

Juntando Aristóteles com Cícero, chego a uma definição da amizade que me satisfaz: entre indivíduos que podem ser muito diferentes, a amizade é possível quando há base moral comum (para mim, o hábito de pensar e julgar com a própria cabeça) e a disposição a exercitar a razão como maneira de se comunicar: entender-se mutuamente e se dispor a, eventualmente, mudar de ideia.

Em 1981, Jürgen Habermas propôs redefinir a razão como possibilidade de diálogo. Li a *Teoria do agir comunicativo* só nos anos 1990, em plena Guerra Civil Iugoslava: a razão comunicativa, assassinada na Segunda Guerra, morria de novo, em Sarajevo e Srebrenica. Sua existência entre os homens parecia improvável.

Mas não é impossível acreditar que a razão como diálogo seja possível entre amigos – aliás, que os amigos sirvam para isto: para manter viva a possibilidade da razão. Em suma, chegando ao Brasil, fiz amigos não tanto porque era o Brasil, mas porque tive sorte.

Agora, mundo afora, a amizade é hoje uma prática que se perde. Nas redes sociais, amigos são tão abstratos quanto inimigos com quem se trocam farpas. Aparentemente, ninguém quer saber por que é amigo ou inimigo do outro.



**DO AUTOR BEST-SELLER DE *APROVEITAR A VIDA E SUAS DORES*,  
*CARTAS A UM JOVEM TERAPEUTA* E *O SENTIDO DA VIDA*,  
VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI**

“É bem possível que vivamos todos, quase sempre, numa constante repetição, que, por não ser o retorno do exatamente idêntico, passa despercebida. Como sair disso? Como evitar a sensação de estarmos sempre vivendo o mesmo dia? [...] De fato, o que domina a vida e a história é a repetição. Um ato não é apenas algo inédito (muitas novidades são repetições disfarçadas), mas algo que nos transforma radicalmente, que produz (inclusive em nós mesmos) um novo sujeito.”

**POSFÁCIO DE CHRISTIAN DUNKER**

**PAIDÓS**



9 788542 243154